



## POSSIBILIDADES DE SENTIDOS POÉTICOS DA CASA DENTRO DA MINHA PRODUÇÃO EM ARTES VISUAIS

JÚLIA PETIZ PORTO<sup>1</sup>; ANGELA RAFFIN POHLMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL – juliapporto@gmail.com

<sup>2</sup>UFPEL – angelapohlmann@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Nesse resumo, exponho uma parte de minha pesquisa de mestrado em Artes Visuais, sob a linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, da Universidade Federal de Pelotas. Exploro a temática da casa em suas possibilidades de sentido poético. Aponto, no presente texto, duas obras de minha autoria, investigando as problemáticas que elas implicam e relacionando-as ao trabalho de outras artistas contemporâneas.

Segundo o pensamento do filósofo francês Gaston Bachelard (1978), que dedica o livro “A Poética do espaço” à análise da dimensão poética da relação com o espaço, a casa é um espaço íntimo que revela a maneira de ser do seu habitante, como uma extensão do seu interior. Nas obras de arte que produzo a partir dessa questão, transparecem características da minha maneira de habitar a casa e as colocam em discussão: a prática da lentidão e a atenção à memória.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa em arte acompanha uma produção poética, tramando a prática artística à palavra. Além de apresentar as obras, esse tipo de pesquisa explora as problemáticas que elas suscitam, os questionamentos dos quais elas partem e aqueles que delas se originam. Outro procedimento comum desse tipo de pesquisa é o *desvio pelo outro*, no qual o pesquisador confronta duas obras (ou diferentes autores), apontando suas similaridades, diferenças, singularidades, distâncias e aproximações. (LANCRI, 2002)

A metodologia de pesquisa que utilizo é a cartografia, um método processual que acomoda as dúvidas e mudanças que ocorrem durante os fazeres com arte e palavra. Dessa forma, a teoria e a prática são experimentadas de maneira fluída, deixando-se contagiar pelas linhas que vão lhes atravessando. (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro trabalho que apresento para discutir as possibilidades de sentido poético para o lugar da casa é a videoarte *interiores*, disponível em <https://vimeo.com/279348675>. Nessa obra, sobreponho imagens do corpo e de detalhes de uma casa antiga onde morei. Suas paredes envelhecidas mostram sinais de habitação: pregos nas paredes, teias de aranha, rachaduras: “Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido.” (BACHELARD, 1978, p. 202).

Minha barriga, que aparece no vídeo se expandindo e contraindo ciclicamente numa respiração profunda, tem suas próprias marcas do tempo vivido: pelos, cicatrizes, picadas de inseto. Esse movimento do corpo que desacelera e se enraíza no presente através de uma respiração lenta se liga à

temporalidade mais lenta da “vida” de uma casa antiga, que resiste às intempéries ao longo dos séculos (Fig. 1).



Figura 1. Frame do vídeo *interiores*. Arquivo pessoal.

Dentro de casa, o tempo é vivido de maneira diferente da rua: experimento a solidão, o descanso, o devaneio. Construimos a vida dia após dia, repetindo algumas rotinas e inventando outras. Esse fluxo do interior da casa é representado no vídeo através do ritmo e da repetição de imagens e sons. Percebo essa lentidão que se demora sobre as repetições domésticas também no audiovisual *Eu Armário de Mim*, de Letícia Parente, em que a artista apresenta *slides* de fotografias do interior de um armário, sobre as quais narra um poema:

Eu armário de mim  
Eu armário de mim  
Eu armário de mim  
Conta de mim o que contenho  
Eu armário de mim Idas e vindas.  
Voltas e revoltas  
Sentei sozinha. Sentei-me com. Assentos com  
Consumo a cor dos frutos e os sabores do tempo....[...] (PARENTE;  
MACIEL, 2011, p. 45)

O segundo trabalho que desejo compartilhar se chama *livro de receitas*, que foi uma intervenção urbana realizada numa casa abandonada na região do Porto da cidade de Pelotas (Fig. 2). A casa me chamava atenção por sua fachada enrugada e descascada, com uma variação de colorações âmbar produzidas pelo tempo. Em alguns lugares, era visível o cimento e o tijolo que lhe dão estrutura, seu esqueleto.

As cores e texturas da fachada daquela casa, que eu achava estranhamente bonitas, me lembravam de alguma coisa que eu não conseguia identificar. Foi quando estava cozinhando, ao seguir o caderno de receitas da minha família, que eu percebi as semelhanças entre as páginas daquele caderno e as cores da fachada da casa abandonada. Amareladas pelo passar dos anos, manchadas pelo uso e marcadas pelo manuseio, as folhas do pequeno livreto, de

autoria de minha avó e minha mãe me levavam de volta para aquela casa abandonada.

Decidi unir aquelas duas superfícies, antigas, trabalhadas pelo tempo na forma de um lambe-lambe, de modo que suas texturas e cores se misturassem. Selecionei as páginas que traziam receitas que carregavam nomes femininos, como “bolo da dona Luíza” ou “torta Dinorah” e coleí-as na fachada com uma mistura de ingredientes culinários, água e farinha. As folhas se enrugaram durante o processo de colar, criando rugas que se relacionam visualmente com as rachaduras da casa. A intervenção chama atenção para a casa antiga e para as receitas, articulando ambas em uma só pele.



Figura 2. Fotografia da obra *livro de receitas*. Arquivo pessoal.

Vejo relação entre essa obra e *Mujeres em mi*, de Carolina Caycedo (Fig. 3), em que são costuradas as roupas de diversas mulheres, familiares e amigas de Caycedo, bordadas com os nomes de suas antigas donas e costuradas umas nas outras de modo a criar uma vestimenta enorme que pode ser usada por uma ou mais pessoas.

De um trabalho a outro, semelhanças e diferenças se completam, e tento sempre me posicionar como aquele viajante que se espanta com o que vê, como se olhasse pela primeira vez, conjugando frescor e disponibilidade, fascinado pelo quase-nada, pelos odores, gestos, barulhos... A questão que se coloca aqui é: como manter esse olhar, ou como, inspirada por Da Vinci, ser o olho que transforma o muro em paisagem? Seria esse olhar-viajante, capaz de captar a trivialidade do cotidiano e impregnar de poesia os instantes? (DIAS, 2011)

Ambos os trabalhos, *livro de receitas* e *Mujeres em mi*, juntam fragmentos carregados de memórias, explorando o conceito de memória como matéria viva, rica em potência criativa, que pode nos ajudar a olhar para o presente mais demoradamente.



Figura 3. Instalação do trabalho *Mujeres en mi*, de Carolina Caycedo, na exposição Solo Projects ARCO, 2010, em Madri. Disponível em < <http://carolinacaycedo.com/mujeres-en-mi-2010>>

#### 4. CONCLUSÕES

Com essas obras, que se apropriam de detalhes do cotidiano doméstico e os amplificam, apresentando minha maneira de me relacionar com a casa e com o mundo, provooco o expectador para dedicar maior atenção ao seu próprio dia-a-dia, buscando entre as repetições da rotina o que há de extraordinário e especial:

As estratégias para habitar a casa, a prática da lentidão e a atenção à memória, podem ser alternativas frutíferas para a criação de obras de arte e de uma vida criativa: retomando o pensamento de Bachelard (1978), a casa é o nosso primeiro universo, a partir do qual forjamos nossa relação com o fora. Agradecemos ao CNPq pelo apoio às pesquisas que deram origem a este texto.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os Pensadores**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DIAS, Karina. **A prática do banal, uma aspiração paisagística**. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. Disponível em [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina\\_dias.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina_dias.pdf), acessado em 17 de maio de 2020.

LANCRI, Jean. Coloquio Sobre A Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élica (orgs). **O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, p.19, 2002.

MACIEL, Kátia. A medida da casa é o corpo. In: PARENTE, A.; MACIEL, K. **Letícia Parente arqueologia do cotidiano: objetos de uso**. 1. ed. Rio de Janeiro: Oi Futuro. 2011.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.